

Quem não se comunica não se aproxima das pessoas



Em fevereiro de 1987 eu voltava de Bagdá, Iraque, para São Paulo.

Passei lá mais de um mês ajudando a equipe do Consórcio PEM (Promon, Engevix, Metrô-SP) na entrega dos projetos do trecho central (11 quilômetros) do futuro BRTA (Bahgdad Rapid Transit Authority), metrô para os iraquianos que, infelizmente, nunca foi construído dado o envolvimento do país em sucessivas guerras, passando de uma progressista e bela nação ao primitivismo da guerra tribal...

Tínhamos que viajar via Frankfurt já que o consórcio tinha um convênio com a Iraq Airways e a Lufthansa.

Vi que era véspera do Carnaval e resolvi passar três dias em Atenas para depois voar para Frankfurt. Chegando à Grécia fiquei exultante: eu conseguia ler!

Após tempos de puro analfabetismo, no Iraque, pois até os números, em árabe, são diferentes dos nossos (ué, mas não são arábicos?!), percebi que conseguia decifrar o alfabeto cirílico com a lembrança das representações das grandezas da Física: alfa, beta, gama, delta, ômega... pi... etc.

E saí cheio de júbilo do aeroporto de Atenas seguindo a sinalização "Exodus"...

Devo ter parecido um perfeito imbecil parando em frente aos letreiros e tentando decifrá-los!

No último dia, à tarde, peguei o "Eletrikus", o metrô, e fui até o porto de Pireus onde tentei fretar um táxi para me levar a uns 50 quilômetros de lá, até o templo do deus Netuno, em Sônion, um capricho de mergulhador, esporte que ainda praticava.

Mas nenhum taxista falava inglês e acabei aceitando a oferta de um deles de 60 dólares.

E fomos... mas não conseguíamos, em inglês, estabelecer um mínimo de comunicação!

Então arrisquei: "Brasil – DEMOCRACIA!".

O rapaz pulou e respondeu-me: "DEMOCRÁCIA!".

Continuei: "FILOSOFIA!" e ele: "AH, FILOSÓFIA!".

Pronto... não sei como, apesar de algum gestual também, conversamos em grego-português (portugrego?) animadamente!

Política, praias, samba, futebol, moussakha, dracma, as gringas de topless etc. etc.

Foi emocionante! Claro que em alguns diálogos eu falei de futebol e ele me respondeu sobre a Acrópole... mas travamos animado papo!

Voltei ao Brasil e, uns 15 dias depois, recebo uma carta da Grécia escrita em inglês, por um amigo do taxista, onde ele dizia que, se confirmasse, eu seria o padrinho de batismo da filha dele que nascera naqueles dias, na Páscoa! Que seria uma honra para ele e família me receberem como quase um novo membro dela.

Até hoje sinto um frio na espinha ao lembrar-me da carta e me arrependo de ter agradecido muito etc., mas de não ter ido! Valeria ter aberto um crediário na Varig (era cara a viagem para Atenas!) e teria, hoje, uma bela lembrança de uma bebedeira com ouzo, de ter quebrado uns 50 pratos e de ter dançado com a família, como o Anthony Quinn em *Zorba, o Grego*!

Com certeza foi ter quebrado a barreira da comunicação formal o que emocionou meu amigo grego! Mostrando a importância, em qualquer hora e/ou lugar, de tentarmos, sempre, nos relacionarmos com o próximo de modo afetivo e corajoso, sem vergonha de ousar.

Afinal, como nos sugere aquela famosa imagem dos dedos que se tocam pela pontinha na pintura de Michelangelo, não é esse um dos nossos propósitos em nossa passagem pelo planeta? E que não seja preciso ir até a Grécia para se descobrir essa importância!

NESTOR SOARES TUPINAMBÁ

é engenheiro, mestre em urbanismo e consultor de transporte

E-mail: nstupinamba@uol.com.br

